

## COMO TRATAR TEMAS AMBIENTAIS: O "LIXO" NUMA ABORDAGEM REFLEXIVA

Luciana Resende Allain  
Maria Lúcia Y. Wakisaka

### Introdução

Este estudo pretende contribuir para a análise das experiências de professores como pesquisadores de suas próprias ações e produtores de conhecimento, ao compartilhar uma experiência de reflexão na prática e sobre a prática em sala de aula. Desenvolvemos um trabalho, em julho / agosto de 98, com a turma de alunas do 7º período do curso de pedagogia da UFMG, na disciplina "Metodologia do Ensino de Ciências".

O módulo 'meio ambiente' é um dos eixos temáticos dessa disciplina. O tema 'lixo' foi eleito para a realização desse trabalho por dois motivos: primeiro, porque é reconhecido como um grave problema ambiental; segundo, porque é um tema geralmente contemplado pelos currículos de ciências no ensino fundamental e médio.

Os objetivos desse projeto de reflexão colaborativa em sala de aula foram: problematizar a questão do tema 'lixo' e provocar a reflexão sobre o papel das alunas enquanto educadoras.

Acreditamos ser apropriada a abordagem de temas ambientais nesta perspectiva reflexiva pela possibilidade de (re)significá-los. Isso porque a discussão em torno desses assuntos encerra-se em sua qualificação como problemas ambientais globais. Mas, contraditoriamente, atitudes que apontam para um *saber-lidar* com estas questões, ou mesmo que vislumbram suas soluções, parecem estar fora do alcance da maioria das pessoas.

### Episódio de Reflexão

A seguir descrevemos alguns dos episódios referentes a vivências das alunas, que ao nosso ver, denotam um processo de desestabilização / descristalização de velhas posturas, tanto pedagógicas como conceituais, desta vez examinadas criticamente. Utilizamos um *diário de campo* para anotar os principais episódios vivenciados durante as aulas. A partir da análise de cada aula refazíamos o planejamento inicial no intuito de atender as novas demandas surgidas em aula. Importante ressaltar que as intervenções das alunas nos estimularam a refletir e repensar sobre nossa própria postura como docentes. Citaremos abaixo algumas falas das alunas, que neste trabalho não serão identificadas.

Recolhendo as primeiras noções das alunas sobre o tema e a importância de ensiná-lo na escola, percebemos que o "lixo" quase sempre se encontra associado à questão da higiene, saúde e animais transmissores de doenças, como pode ser notado nos relatos abaixo:

*Aluna 1: "É preciso trabalhar esse tema na escola para evitar uma série de doenças que ele traz, como a dengue."*

*Aluna 2: "Eu aproveitaria o conteúdo de animais nocivos ao homem e introduziria o lixo, pois ele é o habitat da maioria desses animais."*

*Aluna 3: "Eu daria 'reforços positivos' para modificar hábitos de negligência, como jogar objetos fora do lixo (...), usar inadequadamente o banheiro e aumentar o risco de contaminações por doenças graves como hepatite".*

"NÃO HÁ COMO REALIZAR UM TRABALHO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL SE NÃO FOREM DESENVOLVIDOS LAÇOS AFETIVOS ENTRE OS SERES HUMANOS E A NATUREZA."

A partir do levantamento dessas noções passamos a polemizar a questão. Discutimos, por exemplo, o que faz do lixo um problema. O conceito de lixo também foi problematizado, de forma a reconhecermos a singularidade dos lixos, de acordo com o tipo de organização social, o momento histórico, o sistema econômico, os hábitos e costumes, o tamanho da população, o nível sócio-econômico, as particularidades pessoais e outros tantos fatores que fazem do "lixo" um amplo guarda-chuva conceitual. A partir desse enfoque começaram a surgir contribuições interessantes das alunas, que começavam a deixar de conceber o lixo de uma forma restrita e descobriam novos olhares e perspectivas sobre o mesmo. A dimensão social passou a ser considerada importante, como pode ser observado no diálogo abaixo:

Profas: "O que faz do lixo um problema?"

Aluna 1: "O excesso de quantidade."

Aluna 2: "Quê isso! Boa parte do lixo é absorvida pelos catadores."

Profas: "O que você chama de catadores?"

Aluna 2: "Nossos queridos irmãozinhos paupérrimos, que catam lixo pra sobreviver."

Aluna 3: "Não são tão pobres assim... dizem até que isso dá dinheiro..."

Aluna 1: "Não é bem assim. Eles ganham o suficiente pra comprar uma pinga e um lingüiça Santa Rosa por dia. No dia seguinte começa tudo de novo."

Essa questão suscitou calorosos debates, que fatalmente levaram à discussão do sistema econômico em que vivemos, sustentado pela lógica do consumo. Desde o início planejamos focar o tema "lixo" sob a perspectiva do consumo excessivo de produtos, materiais e recursos naturais. Ao falarmos sobre o consumo excessivo as alunas apresentaram as seguintes soluções para a questão:

Aluna 1: "Poderíamos fazer um monte de oficinas para reaproveitar o lixo. Podíamos fazer dobraduras, caixas de presente, trabalhos artísticos."

Todas ficaram muito empolgadas com essa idéia...

*Profas: "Mas com que objetivos faríamos essas oficinas? Queremos dizer que a validade das propostas só é legitimada pelos objetivos almejados, senão ficamos apenas no ativismo sem sentido."*

Compartilhando dessa mesma posição, Mayer (1998) discute que esse ativismo pode ser uma armadilha, se é considerado um fim em si mesmo, quando só se preocupa com resultados e soluções. Não se pode esquecer que "as iniciativas nas escolas são um meio, um instrumento para construir uma consciência ecológica que é feita de reflexões sobre as práticas e os valores e não somente ações" (p.220).

Wals (1992) citado em Ballantyne e Packer (1996) propõe categorias de pensamento sobre a questão ambiental. Dentre elas está a visão politizada, que encararia os problemas ambientais como questões globais, que representam conflitos de interesses, escolhas e valores que somente podem ser resolvidos a partir da mudança de estilo de vida. Acompanhe o diálogo abaixo:

Aluna 1: "Se todo mundo separasse seu lixo até tinha jeito, mas não dá. É gente demais, nada vai mudar."

Aluna 2: "É verdade. A gente não vai mudar um estilo de vida confortável, prático e ficar retrocedendo, andando pra trás".

Aluna 3: "Espera aí. Nós somos educadores! Não é porque todo mundo é acomodado que devemos ter essa postura derrotista e ficar de braços cruzados..."

Não há como realizar um trabalho de educação ambiental se não forem desenvolvidos laços afetivos entre os seres humanos e a natureza. Entretanto, o trabalho de modificação da relação com a natureza através do processo educacional é lento e cansativo. Além disso, existem comportamentos supostamente 'corretos' em relação ao meio ambiente, que contribuem para criar uma postura de proteção ao meio ambiente 'natural' e degradação do ambiente em que vivemos. Outro fator complicador é a relação de

exploração milenar da natureza pelo homem.

Profa.: "De onde vem esse lixo?"

Alunas: "Matéria prima"

Profa: "De onde vem a matéria prima?"

Aluna 1: "Da natureza"

Profa: "Então quer dizer que estamos jogando fora recursos naturais?"

Aluna 2: "Estou devolvendo pra natureza o que ela me deu"

Aluna 3: "Não. Estou destruindo. Pra mim, devolver o papel que usei, por exemplo, é plantar outra árvore". (...)

Aluna 4: "Ai! Estou me sentindo culpada"

Ao discutirmos a proposta dos 3 Rs (reduzir, reutilizar, reciclar) procuramos mostrar as limitações dessas soluções, tentando enfatizar a complexidade do problema e questionar a busca de uma solução definitiva e simples.

Aluna 1: "Mas se tudo vai pro lixo um dia não vale a pena fazer nada, nem reduzir, nem reaproveitar."

Aluna 2: "Pensa bem. Tem um buraco que eu posso encher em um ano ou em dez anos. O que é melhor?"

Aluna 1: "Se eu fosse prefeita, compraria um fornão e mandava queimar todo o lixo. Aí acabaria com o problema. Ou então mandava pro espaço".

Aluna 2: "Mas o que temos discutido aqui é como deixar de produzi-lo, não aonde colocá-lo".

A nosso ver, essa visão "reducionista" dos problemas ambientais deve ser substituída por uma visão que permita a percepção da complexidade do problema. Mayer (1998) argumenta que organizar os conceitos em forma de rede nos possibilita aproximarmos mais da complexidade dos nossos processos de conhecimento.

Na tentativa de apresentarmos as várias facetas da questão do lixo, construímos junto às alunas, uma rede de fatores que se vêem envolvidos direta ou indiretamente com este problema. A expectativa era abordá-lo de maneira aberta, mostrando que não existem soluções prontas e acabadas. Certamente abandonar a crença em soluções simples gera ansiedade nas pessoas. Por outro lado, esse conflito, apesar de incômodo, nos estimula a enxergar novas possibilidades de lidar com a complexidade.

*Aluna: "Ah, meu Deus! Fala logo qual é a solução" (como se estivesse dizendo: vocês são as professoras, sabem a resposta.)*

## Conclusão

Difícilmente conseguiríamos transformar a experiência vivida ao nível da ação em registro de linguagem, sem perder a dimensão da sua complexidade.

"... O TRABALHO DE MODIFICAÇÃO DA RELAÇÃO COM A NATUREZA ATRAVÉS DO PROCESSO EDUCACIONAL É LENTO E CANSATIVO."

No entanto, este artigo é uma tentativa de dividir os significados que atribuímos a essa experiência. Foi especialmente importante o processo, por nós vivenciado durante o curso, no qual repensamos nossas próprias concepções a partir das reflexões suscitadas por nossas alunas.

Astolfi (1991) citado em Darsie e Carvalho (1996) identifica um processo semelhante, denominado "reflexão distanciada", referente a "... toda situação em que o sujeito é levado a pensar em segundo grau, sobre seus próprios procedimentos ou atividades intelectuais". Nesse processo de *desimersão* o sujeito é levado a lançar "...um olhar que induz a um desapego que autoriza críticas e permite a descentração, sendo desta maneira um facilitador para que ocorram reelaborações"(p.93).

Acreditamos que esta vivência favoreceu um diálogo entre as nossas reflexões e as reflexões da turma, possibilitando uma experiência dialética de formação. Entendemos que esta foi uma experiência dialética na medida em que as relações entre nós e as alunas-professoras constituíram-se em um espaço de formação mútua. Reforçamos que este espaço foi propiciado justamente por tornar passíveis de problematização tanto o

conteúdo abordado, quanto o discurso e as práticas pedagógicas apresentadas por nós e pelas alunas. Reforçamos, portanto, o potencial das disciplinas acadêmicas em propiciar a formação de profissionais reflexivos.

"DIFICILMENTE  
CONSEGUIRÍAMOS  
TRANSFORMAR A  
EXPERIÊNCIA  
VIVIDA AONÍVEL DA  
AÇÃO EM  
REGISTRO DE  
LINGUAGEM, SEM  
PERDER A  
DIMENSÃO DA SUA  
COMPLEXIDADE."

## Bibliografia

- ASTOLFI, JP.; PETERFALVI, B.; VÉRIN, A.  
*Compétences Methodologiques en Sciences Expérimentales*. Paris: INRP, 1991. 175p.
- BALLANTYNE, R.R. & PACKER, J.M.  
Teaching and Learning in Environmental Education: Developing Environmental Conceptions. *The Journal of Environmental Education*. v.27, n.2, p.25-32. 1996.
- DARSIE, M.M.P. & CARVALHO, A.M.P. O Início da Formação do Professor Reflexivo. *Revista da Faculdade de Educação da USP*, v.22, n.2, p. 90-108, jul./dez. 1996.
- MAYER, M. Educación Ambiental: de la Acción a la Investigación. *Enseñanza de las Ciencias*. v.16, n.2, p.217-231. 1998.